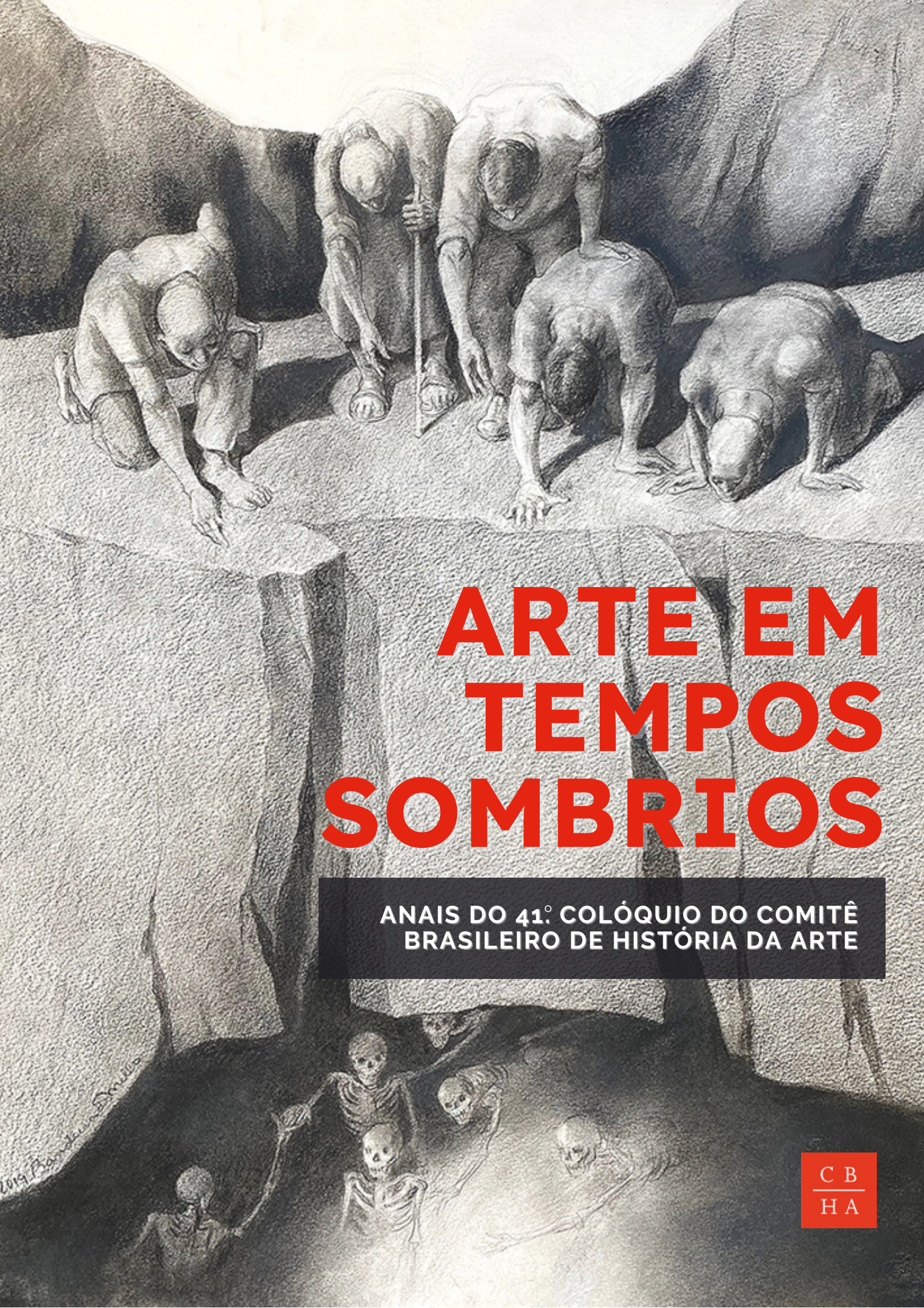

# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

## ANAIS DO 41º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CBHA

# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

## ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização

CBHA

Organização

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFU Universidade Federal de Uberlândia

UFPEL

UFRRJ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

CEFET/RJ

**CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972**
**Presidente de Honra** (in memoriam) – Walter Zanini

**Diretoria (2020-2022)**
**Presidente –** Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)
**Vice-presidente –** Neiva Bohns (UFPEL)
**Secretária –** Rogéria de Ipanema (UFRJ)
**Tesoureiro –** Arthur Valle (UFRRJ)

**Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)**
Almerinda da Silva Lopes (UFES)
Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)
Luiz Alberto Freire
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)
Marize Malta (UFRJ)

**41° Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios**
**Comissão Organizadora**
Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)
Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)
Marize Malta (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPel/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

**Comitê Científico**
Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)
Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)
Blanca Brites (UFRGS/CBHA)
Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)
Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)
Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)
Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)
Neiva Bohns (UFPel/CBHA)
Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)
Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)
Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)
Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

**Imagem da capa**
Lydio Bandeira de Mello (1929 - ), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

**Diagramação**
Vasto Art

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

**Anais do 41° Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios** – Evento online **-** 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado
ISSN: 2236-0719 - https://doi.org/10.54575/cbha.41

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.
**CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte**

**CDD: 709.81**

# A solitude de Zaluar como exercício em seu ateliê - 20 anos

*Angela Ancora da Luz*, Universidade Federal do Rio de Janeiro
https://orcid.org/0000-0001-7112-7373
angelaancoradaluz@gmail.com

## Resumo

Esta comunicação tem como objetivo apresentar o artista e professor Abelardo Zaluar no período em que atuou como catedrático na Escola Nacional de Belas Artes e foi cassado pelo AI-5, ficando afastado da universidade de 1968 até 02 de junho de 1980, quando foi anistiado e retornou à universidade.Trata-se de refletir sobre a solitude do artista, como uma atitude de isolamento que se auto impôs para mergulhar em suas convicções mais profundas, no âmbito de seu ateliê.. Não manifestou nenhum sentimento de amargura ou de revolta, pois a solitude que experimentou veio alimentada por sentimentos positivos.. Seu discurso de reintegração é um desabafo, uma aula e um incentivo para as novas gerações.

**Palavras-chave**: Abelardo Zaluar. Atelier. Solitude . Serigrafia . Modernidade.

## Abstract

This artircle have the objective, to present the artist and professor Abelardo Zaluar, during the period in which he served as a professor at the Escola Nacional de Belas Artes and was removed from his post in the university from 1968 until June 2, 1980, when he was amnestied and returned to the university. It is a question of reflecting on the artist's solitude, as an attitude of isolation that he imposed on himself to delve into his deepest convictions, within the scope of his studio. the solitude he experienced was fueled by positive feelings. His reintegration speech is an outburst, a lesson and an incentive for the new generations.

**Keywords**: Abelardo Zaluar. Atelier. Solitude . Serigraphy. Modernity.

Segundo Paul Tillch, a solitude é o exercício de preservação de nossa individualidade, de nossa unidade, podendo ser uma solidão fundamental. Zaluar praticou está solitude, mergulhando em seu ateliê para sentir-se senhor de suas escolhas. A solitude é um estado de isolamento positivo, uma opção que não decorre de um estado depressivo. Abelardo Zaluar optou pela solitude, um ato voluntário de preservação de sua identidade, de sua arte e de suas convicções, logo após ter sido aposentado pelo Ato Institucional número 5 de 13 de dezembro de 1968.

Ele foi apontado como subversivo, juntando-se a Mário Barata e Quirino Campofiorito, seus colegas na Escola de Belas Artes e assim foi aposentado por força do AI-5, durante os governos militares.

A partir de então mergulhou em seu ateliê vivendo de acordo com sua ética, pois, segundo Sören Kierkegaard, a escolha ética possibilita a vida como construção contínua. Seu ateliê torna-se seu universo e seu refúgio. O silêncio é a sua voz, sua arte se potencializa enquanto propaga a força de ser moderno, opondo-se aos padrões de rigor da norma e da forma cultivados pela Escola de Belas Artes, este, segundo alguns, o verdadeiro motivo de sua aposentadoria.

Afastado da Escola volta-se para seu ateliê. Sua decepção era a mais comum, segundo Kierkegaard, pois era "não poder ser ele próprio", mas nunca foi a mais profunda pois, ainda segundo o filósofo, "a forma mais profunda de decepção é escolhermos ser outro, antes de nós próprios." Zaluar manteve-se fiel a tudo que acreditava.

Sua carreira foi brilhante. Em 1959 ganhou o Prêmio Leirner de arte contemporânea, da Galeria das Folhas em São Paulo. Ele era o grande artista moderno da ENBA, como então se chamava a escola. Tornou-se catedrático em 1957, aos 33 anos e era muito ativo na defesa das vanguardas artísticas, o que contrastava com o pensamento dominante da escola, que lutava pela manutenção da academia em seus pilares tradicionais. Havia, consequentemente, o antagonismo de duas forças: a ideológica e a estética. Zaluar se irmanava aos ideais de uma nova ordem na arte, mantendo-se conservador na política. Pelo que ouvi de meus colegas, quando em 1970 comecei a frequentar a Escola de Belas Artes era a de que Zaluar era um homem tranquilo, mas de espírito inquieto. Muitos o descreviam como *"rempliz de soi même"*, mas seus alunos o admiravam. Conheciam um outro lado dele, uma vez que dividiam o mesmo espaço, exatamente este em que mergulhava em sua solitude. A sala de aula era uma espécie de ateliê em que lecionava. Todos descreviam como um "quase laboratório". Mesas limpas, um cinzeiro à disposição dos alunos em cada grupo de mesas, pois naquela ocasião era permitido fumar e material organizado coletiva e individualmente. Diziam que ele era amigo, um bom ouvinte, mas sempre reservado.

Seu ateliê sempre foi um refúgio, o lugar da solitude, mas não de sua solidão. Foram 11 anos fora da Escola e cerca de 20 anos em silêncio, uma vez que, ao retornar, se manteve discreto e reservado e assim foi até sua morte em 16 de

dezembro de 1987, quando, após sofrer um acidente de carro veio a falecer. Por estranha ironia soubemos que voltava para casa, tarde da noite, após jantar com seu marchand e acertar detalhes da exposição que faria nos Estados Unidos.

Seu retorno à Escola de Belas Artes se deu após a Lei de Anistia (Lei nº 6.683, de 26 de agosto de 1979) em sessão solene da congregação em 02 de junho de 1980. Estavam presentes além de Zaluar, Quirino Campofiorito e Mário Barata. Na ocasião eu fazia parte do corpo da Egrégia Congregação e me tornei testemunha na sessão solene. Voltarei ao assunto mais à frente.

Durante o tempo em que durou seu afastamento da escola, ele se dedicou inteiramente à produção de sua obra Deixou aos poucos a figuração, os grafismos, as aquarelas iniciais, o desenho e os nanquins e os foi substituindo por abstrações geométricas realizadas em técnicas mistas, utilizando tinta acrílica, grafite e colagem, na maioria das vezes. Foi neste percurso que encontrou a estética e a técnica pela qual se consagraria. A serigrafia e o abstracionismo geométrico.

Manteve sempre, ao lado de suas convicções democráticas, a identidade de ser brasileiro, buscando inspiração em nossas raízes, produzindo uma obra inteiramente pessoal, conforme analisou a curadora Denise Mattar. Na exposição *Abelardo Zaluar – Rigor e Sensualidade*, aberta ao público em 7 de dezembro de 2010, na Caixa Cultural do Rio de Janeiro. Ela observou o desenvolvimento de sua produção, enfatizando a transição da figuração à abstração geométrica, procurando revelar a incorporação das linhas do barroco mineiro (emoção) à assepsia do rigor das formas geométricas, que, segundo a curadora, a incorporação dos elementos "produziu uma obra na qual o rigor se aliou à emoção".

Depois de seu desligamento da escola, Zaluar se voltou inteiramente para seu ateliê. A solitude que exercitou o fez cada vez mais produtivo, sua obra falava por ele e transmitia a contenção racional e a emoção que sempre experimentou. Era o discurso da cor e da forma, da emoção e da razão, como se quisesse fundamentar este estado de privacidade,

> Zaluar, Abelardo*:* "Condição de quem se isola propositalmente ou está em momento de reflexão e de interiorização."

Quando iniciei meu curso na Escola de Belas Artes ouvi uma história interessante. Contaram-me que, certa vez, numa das manifestações estudantis que lotavam a Cinelândia, a força policial chegou para levar os estudantes rebeldes e, como era de costume, eles correram para o abrigo da Escola, local em que não poderiam ser presos. Acontece que o então Diretor, Gerson Pompeu Pinheiro, havia determinado que os portões não poderiam ser abertos. Naquele dia o diretor estava ausente e Zaluar, valendo-se de sua autoridade como catedrático, foi até o portão, mandou que fosse aberto e conduziu os estudantes pelo corredor do porão até a rua México, quando todos lograram se evadir. Contaram-me que Gerson nunca esqueceu. Nunca pude comprovar a veracidade dos fatos desta história oral, mas era voz comum entre todos os estudantes de meu tempo.

Na sessão solene da congregação, com a presença de Zaluar, Mario Barata e Campofiorito, somente Zaluar fez discurso. Após as palavras de Onofre de Arruda Penteado, que fez algumas reflexões sobre o que propunham os professores modernos na década de 1960, Zaluar tomou a palavra e, com voz calma e fala pausada, iniciou seu discurso.

> Zaluar, Abelardo: "Caros amigos e colegas. Volto a esta Escola que aprendi a frequentar e amar desde os meus vinte anos de idade [...] Mas uma Escola, uma Nação, não configuram abstrações ou entidades estáticas; elas são constituídas, além de espaços físicos, tempo e lugar, de gente, de pessoas humanas. Em certo momento de minha vida na Escola, pessoas promoveram meu afastamento, colocando-me na marginalidade do magistério oficial; coisa própria dos momentos anormais. Tive que aceitar a irrecorribilidade do Ato, mas não aceitei a injustiça e violência do fato. Mas após vinte anos de afastamento, eis-me aqui de volta, mercê da ação de outras pessoas que houveram por bem desfazer o Ato por outrem cometido. Sob um modo de ser calmo e moderado abrigo em meu espírito inquietações e necessidades de renovar e progredir que não foram bem interpretadas. Infelizmente"!

Durante os últimos vinte anos de vida, mergulhado em seu ateliê, Zaluar buscou, na angústia, a possibilidade de liberdade capaz de formar, pois, segundo Kierkegaard ela destrói tudo que é transitório, revelando as ilusões e sonhos que continuaram a alimentá-lo.

## Referências

TERRA, Carlos G. (Org), Arquivos da Escola de Belas Artes, Número 17, Publicações EBA, RJ, 2006

ATA da congregação da Escola de Belas Artes – seção ordinária de 2 de junho de 1980

**Como citar:**

ANCORA DA LUZ, Angela. A solitude de Zaluar como exercício em seu ateliê - 20 anos. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 1117-1120, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: https://doi.org/10.54575/cbha.41.090
Disponível em: http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm